

ARTE E CULTURA:



Produção, Difusão e Reapropriação

2

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação

2

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlundo Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvío Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 2 /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. - Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-154-8
DOI 10.22533/at.ed.548211006

1. Arte. 2. Cultura. I. Ferreira, Ezequiel Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 306.47

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

As relações entre o conhecimento artístico ou estético e o conhecimento científico sempre existiram, do ponto de vista das produções simbólicas do homem. Já haviam, antes da criação de um método científico, surgido de uma visão racionalista e empirista, os modos de conhecimento se pautavam em explicações que acalentavam as inquietações humanas, a exemplo temos o conhecimento mítico, o filosófico e o artístico.

O mítico, que beira o religioso se baseava principalmente em explicações exteriores e anteriores à construção do homem, mas se baseando nos aspectos mais intrigantes do imaginário humano e se perfazendo em torno da construção própria do destino.

O filosófico partia, em parte da observação e do questionamento sempre presente sobre as atitudes e emoções humanas. E, por fim, o artístico, sendo influenciado por ambos os anteriores, representava numa espécie de mimese o que era colhido nas entranhas humanas.

Nesse aspecto, o vínculo entre os três modos de conhecer era responsável pela evolução de cada um, onde o constante diálogo e interação entre eles inspiravam constantemente um ao outro.

Surge então, pelas guinadas da lógica e na evolução do racionalismo, o estabelecimento do método científico pautado na experimentação e delimitação precisa dos caminhos para a aquisição do conhecimento.

Onde havia um espaço aberto à colaboração, se restringe às premissas de um seleto grupo que por algum tempo definem o que pode ser considerado científico ou não.

No entanto, essas barreiras entre o científico e o artístico estão novamente mescladas e as discussões sobre o fazer científico num viés artístico se encontram cada vez mais presentes na atualidade.

Pensando nisso, a coletânea *Arte e Cultura: Produção, Difusão e Reapropriação*, em seu segundo volume, reúne vinte artigos que abordam algumas pesquisas envolvendo a interseção entre arte e cultura.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DA ARTE NA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES

Flora Pereira Flor

DOI 10.22533/at.ed.5482110061

CAPÍTULO 2..... 12

SERMÕES EM PALIMPSESTOS, PARA FLAUTA E SONS ELETRÔNICOS: ASPECTOS COMPOSICIONAIS, ACÚSTICOS E PERFORMÁTICOS

Rodrigo Manoel Frade

Felipe Mendes de Vasconcelos

DOI 10.22533/at.ed.5482110062

CAPÍTULO 3..... 23

HÁ QUE SE LER A POÉTICA PARA SE ENTENDER A POLÍTICA

Dinah de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.5482110063

CAPÍTULO 4..... 36

SISTEMA DE GESTÃO PARA PROJETOS INTEGRADORES

Cleuza Bittencourt Ribas Fornasier

Seila Cibele Sitta Preto

DOI 10.22533/at.ed.5482110064

CAPÍTULO 5..... 48

O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM MÚSICA NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Beatriz Paulino Pereira

Vania Malagutti

DOI 10.22533/at.ed.5482110065

CAPÍTULO 6..... 59

MÚSICA, VOLUNTARIADO E INTERGERACIONALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Estela Kohlrausch

Johannes Doll

DOI 10.22533/at.ed.5482110066

CAPÍTULO 7..... 70

FERRAMENTAS PARA LER, COMPREENDER E INTERPRETAR O *CALENDÁRIO DO SOM* DE HERMETO PASCOAL

Ewerton Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.5482110067

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 8..... | 81 |
| ARTE PARTICIPATIVA E PROPOSIÇÕES SISTÊMICAS: PESQUISAS E EXPERIMENTAÇÕES ACADÊMICAS | |
| Adriana Gomes de Oliveira Helena Martins de Lacerda Laura Campos Daibert | |
| DOI 10.22533/at.ed.5482110068 | |
| CAPÍTULO 9..... | 102 |
| AS DESENHAÇÕES COMO POTÊNCIA METODOLÓGICA NA PRÁTICA DOCENTE: EXPANDINDO OS LIMITES TERRITORIAIS DO QUINTAL | |
| Taliane Graff Tomita | |
| DOI 10.22533/at.ed.5482110069 | |
| CAPÍTULO 10..... | 116 |
| DIVERSIDADE NA ESCOLA: OS DESAFIOS DO ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA | |
| Ana Beatriz Barreira Leite | |
| DOI 10.22533/at.ed.54821100610 | |
| CAPÍTULO 11..... | 130 |
| METODOLOGIA INTEGRATIVA CRIATIVA EM ARTE | |
| Ana Amélia de Araújo Maciel | |
| DOI 10.22533/at.ed.54821100611 | |
| CAPÍTULO 12..... | 139 |
| AS ESTRATÉGIAS DA EDUCAÇÃO MUSICAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO PONTO DE CULTURA JOVENS PESQUISADORES | |
| Dálete Lima de Souza Érika de Andrade Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.54821100612 | |
| CAPÍTULO 13..... | 151 |
| O ENSINO DA MÚSICA E SEUS DIFERENTES CONTEXTOS EM PORTUGAL | |
| João Guimarães Ribeiro Antônio José Pacheco Ribeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.54821100613 | |
| CAPÍTULO 14..... | 165 |
| O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA TERCEIRA IDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM RELEITURAS DA MONA LISA | |
| Rosali Henriques | |
| DOI 10.22533/at.ed.54821100614 | |
| CAPÍTULO 15..... | 178 |
| O ENSINO DE REGÊNCIA EM UM CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA POPULAR: | |

PENSANDO OS DISCURSOS

Armindo de Araujo Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.54821100615

CAPÍTULO 16..... 189

PROJETO SOCIAL E ENSINO DE MÚSICA: OLHAR DOS ALUNOS E DO PROFESSOR EM UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA

Livia Figueiredo de Alencar e Silva

DOI 10.22533/at.ed.54821100616

CAPÍTULO 17..... 197

A EDUCAÇÃO MUSICAL EM UMA ESCOLA RURAL: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA (TRANS)FORMADORA

Igor Viana Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.54821100617

CAPÍTULO 18..... 207

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO MUSICAL E ARTES: DESENVOLVIMENTO DAS DIMENSÕES DA MUSICALIDADE NAS AULAS DE ARTE EM CAUCAIA/CE NO INÍCIO DO DISTANCIAMENTO SOCIAL ATRAVÉS DO YOUTUBE

Daniel do Nascimento Sombra

Israel Kleber de Oliveira Teó ilo

DOI 10.22533/at.ed.54821100618

CAPÍTULO 19..... 219

A LEGISLAÇÃO E O ENSINO DE MÚSICA

Jayza Monteiro Almeida

DOI 10.22533/at.ed.54821100619

CAPÍTULO 20..... 231

APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA ATRAVÉS DE ESTÁGIO EM PROJETO SOCIAL

Yndira Gabriela Fleitas Villarroel

Rita de Cássia Domingues dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.54821100620

SOBRE O ORGANIZADOR..... 243

ÍNDICE REMISSIVO..... 244

CAPÍTULO 15

O ENSINO DE REGÊNCIA EM UM CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA POPULAR: PENSANDO OS DISCURSOS

Data de aceite: 01/06/2021

Armindo de Araujo Ferreira

Faculdade STBNB

Recife – Pernambuco

<http://lattes.cnpq.br/9058975172058336>

RESUMO: Este trabalho se volta à discussão do currículo no âmbito do Ensino Superior, mais especificamente sobre o ensino de Regência no contexto da Licenciatura em Música Popular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, do Campus Belo Jardim (IFPE – Campus Belo Jardim), no estado de Pernambuco, buscando entender a presença do discurso sobre música popular no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e nos planos de ensino do componente curricular Regência. A pesquisa, de cunho qualitativo e caráter exploratório, mostra, a partir do corpus analisado, que há um distanciamento entre os discursos presentes nos planos de ensino dos componentes curriculares e o próprio discurso do PPC, mostrando uma presença reduzida da música popular nesta área.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Regência; Licenciatura em Música; Currículo.

THE TEACHING OF CONDUCTING IN A POPULAR MUSIC UNDERGRADUATE COURSE: THINKING ABOUT THE DISCOURSES

ABSTRACT: This paper focuses on the discussion of curriculum in the context of Higher Education, more specifically on the teaching of Conducting in

the context of the Popular Music Undergraduate Course of the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Belo Jardim Campus (IFPE - Belo Jardim Campus), in the state of Pernambuco, seeking to understand the presence of discourse on popular music in the Pedagogical Project of Course (PPC) and in the teaching plans of the curricular component Conducting. The research, qualitative and exploratory in nature, shows, from the analyzed corpus, that there is a gap between the discourses present in the teaching plans of curricular components and the discourse of the PPC itself, showing a reduced presence of popular music in this area.

KEYWORDS: Teaching of Conducting; Music Undergraduate; Curriculum.

INTRODUÇÃO

O presente texto foi elaborado a partir de uma pesquisa concluída, realizada durante o período do mestrado e integrou o processo avaliativo do componente curricular *Música Popular e Aprendizagem*, do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Pernambuco (PPGM-UFPE). As motivações iniciais se deram a partir das discussões e reflexões relacionadas com a música popular e sua presença no contexto do ensino superior, posteriormente, estas motivações se ampliaram, abarcando a relação entre currículo, ensino de regência e a Análise do Discurso, de linha francesa.

Após este momento inicial, buscou-

se refletir sobre a presença da música popular no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) da Licenciatura em Música do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, do Campus de Belo Jardim, em Pernambuco (IFPE – Campus Belo Jardim). Esta reflexão teve como objetivo entender a presença do discurso sobre música popular nesse PPC e nos planos de ensino dos componentes curriculares da área de regência.

A discussão toma, como base, o PPC do curso mencionado documento. Para um embasamento teórico, buscou-se trabalhos de autores de referência para áreas da Educação Musical, como Green (2008, 2012); do Currículo, como Lopes e Macedo (2011), Sacristán (2013), Arroyo (2019); e da Análise do Discurso, de linha francesa, como Maingueneau (1997) e Orlandi (1999).

METODOLOGIA

A perspectiva metodológica adotada se alinha com a pesquisa de cunho qualitativo. Oliveira (2014) caracterizou esse tipo de pesquisa como: “um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade” (OLIVEIRA, 2014, p. 58). Por se tratar de um estudo qualitativo, há um alinhamento também com o trazido por Stake (2011), que salienta que, dentre outras características, a pesquisa qualitativa é interpretativa, por se direcionar para os significados das relações humanas sob diferentes olhares. Desta maneira, discutir currículo e ensino é algo que, inevitavelmente, toca nas relações humanas e nas tensões existentes, como pontua Miguel Arroyo (2019).

Nesta investigação, entendi que o ensino de regência em cursos de licenciatura em música em IF merece um estudo que possa contribuir com a discussão, tanto para o ensino deste componente específico quanto para o campo do currículo. Devido a esta proposta, o caráter da pesquisa pode ser entendido como exploratório, já que “As pesquisas deste tipo são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (GIL, 2008, p. 27).

Como foi trazido, já na parte inicial deste trabalho, o PPC será o documento base de trabalho no processo analítico, portanto, pode-se dizer que se trata de uma pesquisa documental, também, pois “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p. 45). Alguns aspectos, como baixo custo de execução e facilidade de acesso às fontes colaboraram para traçar a pesquisa, já que ela teria um prazo relativamente curto para sua concretização, por se tratar de uma atividade avaliativa de um componente curricular, como informado na parte introdutória.

O *corpus* constitutivo da pesquisa é formado pelos sujeitos enunciativos em formato de arquivo, que foram: o PPC do curso em questão e os planos de ensino, que abarcam também os ementários. Para tanto, a análise documental surge como alternativa, pois “pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja

complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.” (LÜDKE; ANDRÉ, 2004, p. 38). Vale salientar que a conjuntura política, econômica, social e cultural são pontos indispensáveis para uma reflexão acerca dos documentos analisados (CELLARD, 2012).

O acesso ao *corpus* em formato de arquivo se deu por meio de site institucional, o que não requereu contato com diferentes esferas do curso, como coordenação, corpo docente ou discente etc. Todas as informações aqui abordadas, portanto, estão acessíveis do documento analisado.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A possibilidade de estabelecer diálogo entre a música e outras áreas do conhecimento é enriquecedora, pois pode contribuir para a busca de respostas e para despertar novos questionamentos. Como acontece com a música, a discussão sobre currículo é ampla e complexa. Sacristán (2013) dá ideia da proporção da temática, sua complexidade e a postura que deve ser adotada frente a tudo isso:

Às vezes, tornamos as coisas um tanto complicadas para entender sua simplicidade óbvia; em outros casos, elas parecem ser simples, e perdemos de vista sua complexidade. Temos uma sensação contraditória ao falar do **currículo**, pois sentimos, por um lado, a necessidade de simplificar para que nos façamos entender, o que nos transforma em seus promotores. Nesse sentido, afirmamos que o currículo é algo evidente e que está aí, não importa como o denominamos. É aquilo que um aluno estuda. Por outro lado, quando começamos a desvelar suas origens, suas implicações e os agentes envolvidos, os aspectos que o currículo condiciona e aqueles por ele condicionados, damos-nos conta de que nesse conceito se cruzam muitas dimensões que envolvem dilemas e situações perante os quais somos obrigados a nos posicionar. (SACRISTÁN, 2013, p. 16 [grifo do autor])

O discurso de Sacristán aponta que as possibilidades de “definição” de currículo são variadas e não necessariamente se complementam. O estudo do currículo deve contemplar aspectos variados, considerando a diversidade de elementos e tensões existentes na relação entre os participantes desta teia que compõe o mundo curricular.

Neste aspecto, novamente Sacristán (2013) acrescenta à discussão ao afirmar que é necessária a busca de sentido daquilo que é feito, sua finalidade e os sentidos que estão implícitos ou explícitos, a depender das circunstâncias. Quando há busca por sentido, as tensões aparecem. Neste mesmo sentido, Arroyo (2019) aponta motivos que levaram o currículo a se tornar elemento de centralidade num território de disputa, já que o campo do conhecimento se tornou mais dinâmico, complexo e disputado, permeado por interpretações e epistemologias que brigam entre si, mas que, ao mesmo tempo, dão perspectivas para entender as contradições presentes na sociedade e fundamentam outros projetos para a própria sociedade.

Se o campo do conhecimento vive essa tensão e disputa, com o currículo (e a

discussão sobre ele) não seria diferente. Sacristán (2013) afirma que o currículo “não é algo neutro, universal e imóvel, mas um território controverso e mesmo conflituoso a respeito do qual se tomam decisões, são feitas opções e se age de acordo com orientações que não são as únicas possíveis” (p. 23).

Outro ponto que reforça este aspecto do currículo como campo de disputa se relaciona com o apontado por Lopes e Macedo (2011), tanto no aspecto de entender o que é “currículo” quanto suas implicações, pois não se pode buscar o entendimento do “currículo” olhando para seus elementos intrínsecos, mas sim para os acordos de sentido do termo, que se modificam ao longo do tempo. Esta abordagem entende o currículo como uma prática discursiva, como apontado por Lopes e Macedo (2011).

Esta perspectiva entende o currículo – e as tradições que buscam defini-lo – como uma prática de poder, de significação e de atribuição de sentidos. Como toda prática discursiva, ele constrói realidades, projeta identidades, afeta os comportamentos. Por se tratar de um discurso produzido pela interseção de outros discursos que estão na esfera do social e do cultural, há o reforço de sentidos e a recriação destes. Este ato de recriação envolve relações de poder, fazendo com que nem tudo seja explicitado.

Ao considerar o currículo como prática discursiva, aproximo-me da Análise do Discurso (AD), de linha francesa, principalmente pelo afastamento desta em relação ao esquema básico disposto pela comunicação, quando define o que vem a ser mensagem: emissor, receptor, código, referente e mensagem, trazendo que a questão vai além do transmitir uma informação e que este fato não apresenta, necessariamente, uma linearidade (ORLANDI, 1999).

A AD se relaciona com textos produzidos no contexto de instituições que limitam fortemente a enunciação, em se cristalizam conflitos históricos, sociais, dentre outros, e que delimitam um espaço próprio no exterior de um interdiscurso limitado (MAINGUENEAU, 1997). A presença destes conflitos aponta para a diversidade do mundo e que, por sua vez, se faz presente no ensino superior e na discussão sobre currículo.

Esta multiplicidade de elementos faz com que a discussão sobre o ensino de música popular apareça. Primeiramente, pelo próprio marco característico de diversidade da sala de aula, pois, como afirma Green (2012):

A sala de aula é notoriamente um local para o entrelaçamento de significados, valores e experiências musicais; talvez em particular em relação à música dos “próprios” alunos – a área popular – em contraste ao que usualmente eles se referem à “música de velho” – a área clássica. (GREEN, 2012, p. 62)

Além deste ponto, pode-se destacar que o processo de aprendizagem musical com músicos populares difere, quando comparado com os procedimentos educacionais formais, assim como com os modos como conhecimentos e habilidades são transmitidos na esfera da música erudita há, pelo menos, dois séculos.

Neste sentido, Green (2008) propõe um modelo de aprendizagem informal para

o contexto formal das escolas. Tal proposta tem, como base, as práticas informais de músicos populares e é composta por cinco princípios, são eles: 1) os estudantes escolhem a música que desejam trabalhar; 2) a música é tirada de ouvido; 3) os próprios discentes escolhem os colegas com quem desejam trabalhar e aprendem uns com os outros; 4) a aprendizagem vem de um repertório “real” e não segue necessariamente uma ordem pré-estabelecida; e 5) há integração grande entre audição, performance e composição, com ênfase na criatividade. Mesmo que o processo de aprendizagem musical com músicos populares não seja o foco deste texto, creio que as discussões aqui levantadas podem dialogar com as produções dos que se dedicam ao estudo dessa área específica.

BREVE DISCUSSÃO

Neste momento, são trazidas informações que colaboram a discussão proposta, que tanto conduzem para as reflexões tecidas quanto para os questionamentos levantados e que, não obrigatoriamente, são respondidos, devido à própria natureza e foco deste texto. Primeiramente, discorre-se sobre o próprio curso de Licenciatura em Música selecionado, apresentando sua contextualização; em sequência, o olhar se volta para os documentos envolvidos (PPC e Planos de Ensino).

A Licenciatura em Música do IFPE – Campus Belo Jardim iniciou suas atividades em fevereiro de 2011, com regime de matrícula e periodicidade letiva semestrais, turno integral (matutino e vespertino), período de integralização mínima e máxima de 4 e 8 anos, respectivamente. A habilitação ou ênfase do curso é informada, no PPC, como sendo ou Práticas Interpretativas da Música Popular – Instrumento ou Práticas Interpretativas da Música Popular – Canto. Saliento que o documento consultado data do ano de 2013.

O PPC diz que o surgimento do curso se deu pela discussão, dentro da comunidade, sobre a necessidade de se criar cursos superiores no referido IF, sendo um deles o curso de música que, por sua vez, contribuiria para a formação musical da cidade e na região, promovendo e incentivando, também, a produção musical e cultura local. Um ponto que reforça isso é a de que a cidade “é conhecida e reconhecida como ‘Terra dos Músicos’, seja pela tradição natural do seu povo ou pelo trabalho desenvolvido há 122 anos pela Sociedade Musical Filarmônica São Sebastião e há 75 anos pela Sociedade de Cultura Musical.” (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO CAMPUS BELO JARDIM, 2013, p. 10). Das justificativas apresentadas para a criação do curso, uma se aproxima da discussão sobre música popular:

um aspecto importante da proposta pedagógica do curso de Licenciatura em Música a ser implantado no IFPE – Campus Belo Jardim é o seu perfil centrado na Música Popular. Os cursos de graduação em música hoje, em sua maioria, têm suas matrizes curriculares baseados em modelos norte-americanos e europeus. Estes modelos valorizam pouco as tradições musicais brasileiras e muitas vezes inibem a criatividade do discente brasileiro na área de música,

sobretudo no contexto social em que estamos inseridos. Nosso desejo é trazer para a academia as heranças culturais do povo brasileiro e nossa proposta pedagógica quer valorizar sua diversidade musical, integrando os ricos conteúdos da música popular ao currículo. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO CAMPUS BELO JARDIM, 2013, p. 12-13).

Assim, é perceptível um diferencial do curso no contexto no qual está inserido. O PPC apresenta, ainda na justificativa do curso, a seguinte colocação:

Em permanente diálogo com a realidade cultural da região e contemplando a diversidade musical do agreste nordestino, este curso tem duas características principais: a primeira é o foco na formação de professores de música que sejam profissionais capacitados para atuar em diferentes contextos, de acordo com as demandas da contemporaneidade (na educação básica, em escolas especializadas de música, em espaços não formais e em outros campos instituídos e emergentes); a segunda é a opção pela música popular como eixo norteador da formação, o que supre ao mesmo tempo uma carência da região em termos de escolas voltadas para este tipo de repertório e um anseio da população que se mostra mais identificada com esta proposta. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO CAMPUS BELO JARDIM, 2013, p. 14).

Mesmo com tais justificativas, nos objetivos (geral e específicos) do curso, não se encontra menção à música popular. Tal referência aparece no perfil profissional do egresso, que coloca a habilitação em práticas interpretativas da Música Popular. Na parte de saberes docentes, por sua vez, é possível encontrar esta articulação com a música popular, como pode ser lido nos exemplos que seguem:

Compreender as diversas combinações e reelaborações imaginativas, a partir das experiências sensíveis da vida cotidiana e do conhecimento sobre a natureza, a cultura popular, a história e seus contextos [...]; Desenvolver uma práxis consistente com as especificidades demandadas para o ensino de música popular [...]; Realizar projetos voltados às áreas do ensino da música popular, tendo como base o contexto cultural local. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO CAMPUS BELO JARDIM, 2013, p. 17, 18).

Um ponto de destaque é a de concepção e princípios pedagógicos em que, ao mencionar o currículo, traz itens como a flexibilização curricular, interdisciplinaridade, dentre outros. Este detalhe pode ser lido no trecho que se segue:

No que concerne à estrutura curricular, esta licenciatura entra em consonância com os princípios atuais de liberdade, flexibilidade e interdisciplinaridade curricular que pautam as demandas sociais e os avanços científicos e tecnológicos do mundo contemporâneo. Observando a inter-relação das diferentes disciplinas, aspecto indispensável no processo de produção e disseminação do conhecimento, a estrutura curricular do curso busca a aproximação entre a formação prática e reflexão teórica, configurando a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO, 2013, CAMPUS BELO JARDIM p. 18-19).

Quando o PPC aborda, especificamente, aspectos relacionados à concepção docente, afirma-se que a base do curso está sedimentada numa perspectiva que articula a prática e a reflexão sobre esta prática, colocando o docente como aquele que mobiliza e produz diferentes saberes em sua atividade. Esta perspectiva se coloca em oposição aos modelos encontrados, ainda, em cursos de formação inicial de professores, o que traz, à tona, um discurso de alinhamento com as tendências em voga no processo formativo para docentes no contexto brasileiro dos últimos anos. Estes detalhes podem ser observados nas seguintes informações do PPC:

Quanto à concepção docente, o curso está fundamentado com base em estudos sobre formação de professores na perspectiva prático-reflexiva que enfatiza o professor como um profissional do saber/do ensino, que mobiliza e produz saberes em sua atividade, que atua de modo autônomo, reflexivo, criativo, transformador e propositivo, em um movimento que amplia a consciência de sua ação docente no exercício da própria prática.

Contrapõem-se, portanto, aos rígidos modelos academicistas e utilitaristas de uma parcela considerável dos cursos de formação inicial de professores no Brasil. Assim sendo, adota-se a concepção de que este curso tem a perspectiva de formação do professor que materializa a sua prática por meio da “ação e sobre a reflexão na ação” num movimento dialético, tornando-se um professor pesquisador e um profissional crítico-reflexivo, ou seja, o licenciado em Música é um professor intelectual que não se reduz a atuar como um mero técnico de ensino. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO, 2013, CAMPUS BELO JARDIM, p. 19).

Para a reflexão específica acerca dos componentes curriculares, além do PPC, tomei, como base, os planos de ensino. Estes documentos trazem a ementa e outras informações, como as competências a serem desenvolvidas, a metodologia, a avaliação, o conteúdo programático, bibliografias básica e complementar. Estes elementos, que ampliam a visão sobre os componentes investigados e sua relação com os objetivos deste trabalho, marcarão a discussão, funcionando como espaços discursivos.

Na Licenciatura em Música do IFPE – Campus Belo Jardim, existem dois componentes intitulados Regência 1 e Regência 2, localizados no 7º e 8º períodos, respectivamente, sendo o primeiro pré-requisito do segundo e cada um com carga horária total de 40 horas. Meus comentários serão feitos traçando paralelos entre os dois componentes, não os desmembrando.

| Espaços discursivos | Regência 1 | Regência 2 |
|------------------------------------|--|---|
| Ementa | Estudo sistematizado dos elementos da regência, com ênfase à música popular, visando o preparo e a formação do músico como artista e líder de grupos corais. | Estudo sistematizado dos principais elementos da regência, com ênfase à música popular, visando o preparo e a formação do músico como artista e líder de grupos Vocais ou instrumentais. |
| Competências a serem desenvolvidas | Adquirir conhecimentos básicos e técnicos para a regência de coro; Aprender exercícios de relaxamento, aquecimento e temperamento vocal; Conhecer o repertório básico para coro; Conhecer a tessitura vocal de cada naipe; Aprender técnicas de ensaio; Montar um repertório coral. | Adquirir conhecimentos básicos e técnicos para a regência; Conhecer o gestual básico de regência para banda, coro ou orquestra; Conhecer a história e os estilos de regência; Aprender a reger em diferentes andamentos, dinâmicas, compassos etc. |
| Metodologia | Aulas práticas de regência; Exercícios corporais relacionados à regência; Apreciação de vídeos sobre regência; Regência de pequenas peças executadas pela turma; Pesquisas; Apreciação de concertos e repertório relacionados. | Aulas práticas de regência; Exercícios corporais relacionados à regência; Apreciação de vídeos sobre regência; Regência de pequenas peças executadas pela turma; Pesquisas; Apreciação de concertos relacionados. |
| Avaliação | Trabalhos de pesquisa; Regência das peças trabalhadas nas aulas Relatórios de audições; Elaboração de repertório específico. | Trabalhos de pesquisa Regência das peças trabalhadas nas aulas Relatórios de audições. |
| Conteúdo programático | Conceito de regência coral; Tessitura vocal; Montagem de repertório coral; Técnica vocal, relaxamento, respiração e interpretação; Técnicas de ensaio. | Posição inicial; gesto básico: corpo, braços, mãos. Padrões: binário, ternário e quaternário simples; Gesto inicial: tético, anacrústico e acéfalo; Terminações: simples e com fermata (noções de fermata); fermatas internas e conclusivas. |

Quadro 1: Síntese das informações dos planos de ensino dos componentes curriculares *Regência 1* e *Regência 2*, da Licenciatura em Música do IFPE – Campus Belo Jardim.

Fonte: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO CAMPUS BELO JARDIM, 2013.

Tendo como base os espaços discursivos e suas relações com os dois componentes curriculares, alguns elementos merecem atenção. A **Ementa** quase não apresenta diferença entre os componentes, apontando a presença da música popular e que a Regência 1 se volta mais para o trabalho coral (confirmada pela presença da expressão “grupos corais”), enquanto a Regência 2 apresenta uma expressão mais genérica (“grupos vocais ou

instrumentais”), deixando margem para que se pense em formações variadas, além da coral. Vale destacar que este espaço discursivo é o único local em que é feita a menção à música popular, o que, de certa forma, destoa da própria proposta do PPC e do curso.

Em **Competências a serem desenvolvidas**, podem ser confirmadas as ideias apontadas na **Ementa**, reforçando a ênfase da parte coral do primeiro componente curricular e a ênfase partilhada no segundo. Repetindo a mesma situação do primeiro espaço, neste, não há elementos que apontem a presença de música popular na articulação das competências desejadas.

Na **Metodologia**, onde se encontram referências a repertório, também não há menção à música popular. Talvez a única parte que pode deixar margem para especulação sobre uma possível “presença” da música popular seja por meio das expressões “apreciação de vídeos de regência” (a música popular aparece em algum destes vídeos?), “regência de pequenas peças executadas pela turma” (haveria a presença da música popular nestas peças?), “apreciação de concertos e repertórios relacionados” (Regência 1) e “apreciação de concertos relacionados” (Regência 2), esta apreciação de repertório está ligada, de alguma forma com a música popular?

Neste momento, considero pertinente dialogar com o trabalho de Souza (2015), que se preocupou em discutir e avaliar quantitativa e qualitativamente a relação existente entre os conteúdos do componente curricular Regência, previstos nos cursos de Licenciatura em Música (não exclusivamente em Música Popular), e os tidos como fundamentais extraídos da literatura da área de regência presente nos documentos oficiais. Um dos pontos que merece destaque é que, mesmo não sendo foco do pesquisador e não tendo sido analisada com profundidade, a questão do repertório aponta que o repertório coral europeu é marca comum. É mostrado que este tipo de música é importante para o enriquecimento cultural dos licenciandos, porém, de pouca ou nenhuma utilidade prática em sua atividade como docente. Será que aqui, como fruto do que é previsto na **Metodologia**, haveria uma situação como esta?

Na **Avaliação**, os questionamentos se assemelham ao do campo anterior no que diz respeito ao repertório trabalhado: estaria a música popular presente aqui? O **Conteúdo programático** apresentado em ambos os componentes muito se aproxima de um discurso característico da música erudita, pelos termos técnicos apresentados e que são marcantes no mundo da regência, como “tético”, “anacrústico”, “acéfalo”, terminações: simples e com fermata (noções de fermata); fermatas internas e conclusivas”. Vale salientar que este tipo de discurso aparece mais no componente curricular Regência 2 do que no da Regência 1 (ver Quadro 1).

À GUIA DE UMA CONCLUSÃO

A partir das análises dos discursos postos nos planos de ensino dos componentes

Regência 1 e Regência 2, é possível perceber certo distanciamento do próprio discurso do PPC, que é enfático em relação à música popular e sua presença como marca distintiva do currículo da Licenciatura em Música do IFPE – Campus Belo Jardim. Por distanciamento não quero dizer isenção ou ausência, apenas aponto que, em nível discursivo, considerando o corpus analisado, há uma presença reduzida do elemento “música popular”.

É importante destacar que este trabalho tomou, como base para estudo, apenas o PPC e os planos de ensino, mas temos consciência de que o contexto de uma Licenciatura em Música envolve uma multiplicidade de elementos que extrapolam a esfera dos documentos mencionados. Neste sentido, entendo que futuras investigações, que se debrucem sobre outros sujeitos enunciativos, como docentes, discentes, coordenadores, demais componentes curriculares etc., podem apontar para outros horizontes, ampliando a discussão aqui iniciada e trazendo outras problemáticas, tanto para a discussão sobre a presença e o ensino de regência no contexto da Licenciatura em Música (em Música Popular ou não) quanto para o próprio campo do currículo.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel C. **Currículo: território em disputa**. 5 ed. 8 reimp. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 295-316.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GREEN, Lucy. **Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy**. London: Ashgate, 2008.

GREEN, L. Ensino da música popular em si, para si mesma e para “outra” música: uma pesquisa atual em sala de aula. **Revista da ABEM**, Londrina, v.20, n.28, p. 61-80, 2012.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO CAMPUS BELO JARDIM. Plano do curso de licenciatura em música. Belo Jardim: IFPE-Belo Jardim, 2013. Disponível em: <<https://portal.ifpe.edu.br/campus/belo-jardim/cursos/superiores/licenciaturas/musica/projeto-pedagogico>>. Acesso em: 30 dez. 2019

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. 1 ed. 6 reimp. São Paulo: Cortez, 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 8. reimpr. São Paulo: EPU, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3 ed. Campinas: Pontes, 1997.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

SACRISTÁN, José Gimeno. O que significa o currículo?. In: SACRISTÁN, José Gimeno (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 16-35.

SOUZA, Sérgio Luiz Deslandes de. **A regência como componente curricular dos cursos de licenciatura em música oferecidos pelas Universidades Federais no Brasil**. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Academia Imperial de Belas Artes 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11

Análise acústica 12

Anos iniciais 214, 216, 219

Aprendizagem de docência 231, 238

Arte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 23, 24, 29, 30, 31, 34, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 100, 101, 104, 121, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 143, 154, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 199, 207, 208, 210, 212, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 234, 243

Arte participativa 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 92

C

Calendário do som 70, 71, 77, 79, 80

Campos mórficos 81, 99

Contextos de aprendizagem da música 151

Criatividade 37, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 51, 86, 130, 132, 133, 165, 172, 182, 198, 211, 215

Cultura 27, 34, 61, 63, 66, 68, 69, 80, 86, 88, 89, 101, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 128, 129, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 159, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 182, 183, 190, 202, 204, 218, 225, 226, 229, 233, 237, 243

Cultura afro-brasileira 116, 118, 119, 120, 121, 129

Currículo 1, 118, 119, 120, 154, 155, 156, 178, 179, 180, 181, 183, 187, 188, 193, 219, 220

D

Design de moda 36, 37, 46, 47

Dimensões da musicalidade 207, 208, 210, 211, 212, 216, 217, 218

Diversidade cultural 116, 117, 118, 119, 126, 128, 221, 225, 229

E

Educação das relações étnico-raciais 139, 140, 143, 149

Educação musical 48, 49, 51, 52, 54, 55, 59, 60, 61, 66, 68, 69, 135, 136, 137, 139, 140, 142, 143, 149, 150, 151, 154, 155, 159, 160, 161, 162, 163, 179, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 203, 205, 206, 207, 208, 210, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 222, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 240, 241, 242

Ensino-aprendizagem 53, 82, 99, 130, 131, 135, 166, 176, 234, 236, 240

Ensino artístico 1, 2, 10, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 162

Ensino coletivo de violino 197, 198
Ensino de artes visuais 165, 166, 176, 177
Ensino de música 68, 69, 152, 158, 160, 163, 181, 183, 189, 190, 192, 197, 198, 206, 208, 210, 219, 222, 224, 226, 229, 237
Ensino de regência 178, 179, 187
Ensino do desenho 2, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 113, 114
Ensino formal e não-formal 231
Ensino genérico da música 151
Ensino não formal 102, 110
Equilíbrio sonoro 12, 16, 17, 21
Escola 2, 3, 5, 6, 10, 11, 14, 21, 24, 25, 52, 54, 55, 82, 84, 85, 87, 88, 89, 92, 100, 110, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 143, 147, 148, 154, 155, 157, 158, 159, 163, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 210, 218, 219, 221, 222, 224, 225, 226, 228, 230, 232, 234, 236
Escola rural 197, 199, 200
Estágio 38, 53, 191, 231, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242

F

Festival de música contemporânea brasileira 70, 80
Flauta transversal 12
Formação e atuação em educação musical 48
Formação musical 48, 49, 56, 157, 159, 182, 189, 199, 224
Frevo 70, 71, 72, 73, 75, 76, 79

G

Gestão por processo 36, 38, 39, 42, 45

H

Hélio Oiticica 29, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 101
Hermeto Pascoal 70, 71, 72, 74, 79, 80
História africana 116
História da arte 1, 2, 3, 4, 6, 9, 10, 29, 85, 86, 165, 166, 167, 168

I

Identidade 42, 59, 60, 61, 65, 66, 68, 69, 95, 106, 112, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 193
Inclusão 29, 130, 144, 155, 190, 192, 196
Integração 37, 56, 57, 81, 85, 86, 92, 98, 105, 112, 130, 132, 153, 156, 159, 182, 190, 234,

Intergeracionalidade 59, 60, 61, 63, 67

L

Licenciatura em música 130, 131, 135, 178, 179, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 193, 198, 206, 231, 232, 233, 234, 235, 239

Lygia Clark 81, 82, 85, 94, 97, 98, 100, 101

M

Memórias afetivas 81, 92, 93, 94

Metodologia 4, 9, 24, 31, 37, 41, 43, 45, 47, 50, 82, 87, 100, 105, 130, 131, 135, 137, 138, 143, 179, 184, 185, 186, 191, 192, 193, 199, 201, 202, 231, 233, 240

Metodologias experimentais 23

Música 12, 13, 14, 15, 16, 20, 21, 35, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 79, 80, 92, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242

Música mista 12, 14

Musicologia 70

N

Negros 30, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 127, 128, 141

P

Paul Ricœur 70, 71

Pedagogia das encruzilhadas 23, 24, 26, 35

Prática docente 49, 102, 103, 105, 107

Prática pedagógica 29, 110, 116, 192, 227

Prática profissional 48, 55

Produção do conhecimento 36, 41, 42

Projeto de extensão universitária 48

Projeto social 189, 192, 195, 231, 233, 240

T

Terceira idade 63, 165, 166, 176, 177

Transtextualidade 70

V

Voluntariado 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67

W

Walter Benjamin 23, 26, 29, 34, 35

ARTE E CULTURA:



Produção, Difusão e Reapropriação

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação

2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Atena
Editora
Ano 2021